

A FORMAÇÃO DA ATENAS DO SUL:

Primórdios culturais e literários

Simone Xavier Moreira (FURG)

INTRODUÇÃO

Não causariam espanto a nenhum pesquisador da História da Literatura sul-riograndense ou da História de Pelotas afirmações como as de que foi entre o final da década de 1840 e início da de 1850 que se tem nesta cidade os primeiros indícios do surgimento da imprensa. Assim como não é novidade que desde os primórdios do Partenon Literário, fundado em 1868, já existiam pelotenses integrados à essa sociedade literária. Francisco Lobo da Costa (1853-1888) e Alberto Coelho da Cunha (1858-1939) ganharam projeção e contribuíram para a formação do sistema literário sul-riograndense.

Em *A literatura no Rio Grande do Sul*, Regina Zilberman (1992) destaca a posição autônoma que assumiu esta literatura ao responder às necessidades locais e manter-se fiel a um estilo e a uma temática – vista a permanência de temas, como o regionalismo e a crítica política –, que a tornam, embora parte do conjunto da produção literária brasileira, uma literatura singular.

Sabe-se também que Pelotas, durante a primeira metade do século XIX, foi vista como um pólo cultural na região. Esta situação dá-se pela forte economia advinda da produção de charque. Localizada às margens do Arroio Pelotas, a cidade foi rota dos tropeiros que contrabandeavam gado do Uruguai (Colônia do Sacramento) e da Argentina (Maldonado) para São Paulo. A localização privilegiada fez com que no entorno do arroio fixassem-se vários charqueadores. Embora não exista nenhum documento ou registro de qualquer natureza para comprovar o fato, a maioria dos estudiosos (OSÓRIO, 1997; MAGALHÃES, 1993; LEON, 1996) da História de Pelotas afirma que o primeiro deles foi José Pinto Martins, o qual teria chegado na região em 1780.

CONTEXTO DO SURGIMENTO DA FREGUESIA

No século XV, o Tratado de Tordesilhas dividia o mundo entre portugueses e espanhóis, mas com a morte do rei português D. Sebastião em 1578 e pela inexistência de um herdeiro direto do mesmo, Portugal é anexado ao reino espanhol, formando a União Ibérica, favorecendo um contexto a partir do qual as fronteiras entre os dois reinos tornaram-se cada vez menos nítidas. Assim, as regiões estabelecidas pelo tratado foram sendo invadidas “amigavelmente” na prática, mesmo depois da Restauração de Portugal como país, em 1640. (HOLANDA, 1985)

Em 1680, a coroa portuguesa funda a Colônia do Sacramento em território espanhol e, em 1737, o brigadeiro Silva Paes constrói o Forte Jesus, Maria e José – que originou a cidade de Rio Grande –, indicando que Portugal tinha claros planos de avançar a fronteira e, ao contrário do que estabelecia o tratado, ocupar território pertencente à Espanha. (HOLANDA, 1982)

Em 1750, na expectativa de restabelecer a paz e a ordem, é assinado o Tratado de Madri, tentando novamente estabelecer as fronteiras entre Portugal e Espanha nesta região, e fundando os campos neutrais. Porém, em 1763, os espanhóis invadem novamente o território que, conforme o referido tratado, pertencia a Portugal permanecendo até 1776. Só um ano depois, o Tratado de Santo Idelfonso veio a encerrar a disputa pelas fronteiras entre Espanha e Portugal, como tentativa de regularizar uma situação que na prática já havia se consolidado (GOLIN, 1999). Como parte do cumprimento do Tratado de Santo Idelfonso, a Colônia do Sacramento é entregue pelos portugueses aos espanhóis.

Neste contexto repleto de contradições e lacunas e poucos registros documentais para fundamentar a versão existente da História de Pelotas, o que se pode afirmar ao certo é que, o crescimento das charqueadas somado a chegada de habitantes da Vila de Rio Grande que fugiam da invasão espanhola e dos retirantes da Colônia do Sacramento, teriam sido os principais fatores que deram origem a povoação da freguesia de São Francisco de Paula – que, por sua vez, originou à cidade de Pelotas.

NASCE UMA PRINCESA

Não obstante, historiadores e pesquisadores desapegados do rigor acadêmico e científico constroem a história de uma Pelotas imponente, a “Atenas sul-rio-grandense”, a “Capital cultural do Rio Grande”, a “Princesa do Sul”. Este último – e mais usual –

título, segundo Zenia de Leon (1996, p.14), foi atribuído a cidade pelo então estudante de direito Antônio Soares da Silva em poesia, de mesmo título, publicada em São Paulo, em 1863. Nos últimos versos o poeta declara “A Pátria orgulhosa de tantos primores/ Te aclama Princesa dos Campos do Sul” (LEÓN, 1996, p. 14). Após a publicação e conhecimento dos pelotenses, tornou-se corrente a expressão e o título foi incluído no brasão da cidade, elaborado em 1961 em razão das comemorações dos 150 anos de Pelotas.

Nas vésperas de 1922, devido às comemorações do primeiro centenário da Independência, Fernando Luís Osório Filho, um professor e pesquisador – o qual descende do Coronel Thomaz Luís Osório, que teria recebido em 1758, a doação da região onde hoje se localiza o município do então conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade (LEÓN, 1996) e mais tarde morrido enforcado em Portugal acusado de traição (MAGALHÃES, 2002, p. 12), – fora incumbido de escrever “um trabalho retrospectivo da contribuição de Pelotas à obra comum de integração da grande nação livre que surgiu na América e nos palcos do mundo pelo rompimento dos laços políticos que a uniam à mãe-pátria” (OSÓRIO, 1997, p. 9). No Preâmbulo de sua obra, Osório enaltece a “Princesa do Sul”:

Pelotas, o primeiro lugar da Capitania que celebrou, ruidosamente, já em 1822, o magno evento da Independência do Brasil, Pelotas que deu, em todos os tempos, sobejas provas do seu peculiar brasileiro, em que mais simpática forma receberia incentivo senão no estudo das suas tradições, no que elas têm de mais puro e significativo, para unir, nesse traço de amor, à Pátria Livre, festejando-lhe o centenário, todos os seus júbilos e todas as suas bênçãos?! [...] Celebram a cidade em que a flor tem o seu culto público, e à que, no berço, dentro do Rio Grande, atam-me os eflúvios sublimes do “*incipit parve puer, riso cognoscere matrem*”, e hoje me sorri no sorriso benigno de meus filhos... Radiante Pelotas, dona gentil do cognome de “Princesa do Sul”, ninho do primeiro monumento republicano no país consagrado à República! Se é verdade que o forasteiro penetra no coração do Rio Grande quando chega a Pelotas, é porque “Deus, ao fazer esta terra, decerto sorria!” (OSÓRIO, 1997, p. 16)

Este fragmento é bastante representativo do tom narrativo empregado na construção discursiva que ao longo dos anos foi dando forma ao imaginário do pelotense. Narrativas como estas ganham força e credibilidade dos leitores quando apresentadas junto aos registros históricos que comprovam sua efervescência cultural

durante as décadas de 1860 a 1890, tratadas por Mario Osório Magalhães (1993) como o período de “opulência e cultura” da cidade.

Esta versão da cidade de Pelotas, em certa medida, é confirmada também pela visão externa, visto que diversos cronistas e viajantes que cruzaram estas terras apresentam, em seus relatos, a descrição de uma cidade urbana, civilizada e de vida cultural ativa.

Já em 1809, John Luccock, descreve “uma grande extensão de terras”, as charqueadas, “sendo famosa pela sua produção luxuriante e pelo seu gado numero e nédio”. O viajante destaca ainda a existência de diversas casas disseminadas pela região “muitas delas espaçosas e algumas com certas pretensões ao luxo; existem capelas anexas a muitas delas e em volta de uma encontra-se tamanho número de habitações menores que o conjunto bem merece o nome de aldeia” (LUCCOCK, 1951, p. 141, apud MAGALHÃES, 2000, p. 10).

Poucos anos depois, o então bispo do Rio de Janeiro, dom José Caetano da Silva Coutinho, em visita pastoral ao Rio Grande do Sul, em seu diário de viagem, referiu-se a mesma região revelando um progresso ocorrido desde a passada de Luccock. Segundo Coutinho “[...] para receber todo o povo, que já anda por mais de quatro mil almas e cedo subirá a muito mais, precisa-se de uma grande igreja de pedra e cal, que podem muito bem fazer se quiserem, porque são mui ricos” (apud MAGALHÃES, 2000, p. 17). Afirma ainda que “a povoação já tem tantas casas como a Cachoeira¹, e as primeiras linhas muito mais extensas até ao vizinho Sangradouro e comunicação das duas lagoas; grande coisa promete para o futuro” (COUTINHO apud MAGALHÃES, 2000, p. 18).

Outro conhecido viajante, o naturalista francês August Saint-Hilaire, entre as anotações de suas experiências por esta região no ano de 1820, registra suas impressões sobre a riqueza da freguesia ao comentar que “não se vê em São Francisco de Paula um único casebre; tudo aqui anuncia bem-estar” (2002, p. 114). Acrescenta ainda que os homens, aos quais encontrou “estavam vestidos com asseio, e há várias lojas sortidas com mercadorias de toda a qualidade” (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 114).

Saint-Hilaire também comenta as perspectivas de crescimento da freguesia:

¹ Refere-se à Cachoeira do Sul, à época, já município.

Os habitantes de São Francisco de Paula são operários e, principalmente, negociantes. Algumas famílias do Rio Grande mudaram-se para aqui, e acredita-se que, dentro de pouco tempo, esta aldeia será aumentada de um grande número de novos habitantes, atraídos pela posição favorável, pela beleza da região e riqueza dos que já se acham aqui estabelecidos (SAINT-HILAIRE, p. 114).

Esta previsão é corroborada pelos registros do viajante alemão Carl Seidler, que passou por esta região no ano de 1827. Segundo este,

Esta localidade distingue-se vantajosamente das outras cidades pelos bonitos arredores, bem como pela riqueza de seus habitantes [...] Tanto aqui como no Rio Grande há muitos europeus, que possuem importantes estabelecimentos e que certamente pela influência do seu dinheiro e da sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável, do que nas outras regiões. (SEIDLER, 1976, p. 94)

Pode-se perceber nas memórias de Seidler alguns primeiros registros que apontam para a vida cultural da localidade. Ao referir-se às mulheres pelotenses, o alemão comenta que, em geral, todas tocam algum instrumento, principalmente o piano que “se encontra em todas as boas casas”, além de que “muitas falam um pouco de francês, como também na maioria dançam muito bem”. Também comenta que “seus trajes mesmo nos passeios ordinários, são às vezes muito ricos e sempre muito selecionados e de bom gosto e suas atitudes são cheias de simpatia, desembaraço e graça; poder-se-ia chamá-las as espanholas do novo mundo” (SEIDLER, 1976, p. 94).

As condições favoráveis ao crescimento são mais uma vez destacadas por Antônio Vicente da Fontoura, em carta à esposa datada de 1844:

Ontem chegamos a esta cidade; não é muito grande, porém está vantajosamente colocada e enriquecida com todas as proporções para ter um crescimento rápido. [...] A Câmara Municipal faz suas sessões periódicas; os juizes, delegados e mais funcionários públicos estão em exercício (FONTOURA apud MAGALHÃES, 2000, p. 100).

Estas percepções e registros, assim como tantos outros que se referem à Freguesia de São Francisco de Paula, revelam claramente uma região rica, com um comércio movimentado e em progressão; com uma população preocupada com a cultura e já organizada politicamente. Logo, a partir desta proposta de pesquisa, pretende-se

compreender as condições através das quais a pequena freguesia de São Francisco de Paula situada a beira de um arroio no sul do Brasil torna-se, em um período relativamente curto, uma capital cultural com *status* de Princesa.

OS PRIMÓRDIOS LITERÁRIOS E CULTURAIS

Como indicado por Fontoura (1844), já nas primeiras décadas do século XIX, a localidade começa a se organizar politicamente – surge o comércio local, a instrução, a justiça – e modelar-se enquanto região administrativa, que ganha o *status* de freguesia em 1812, quando deveria ter pouco mais de “quatro mil habitantes” (PARMAGNANI, 2002, p. 99).

Devido ao regime de padroado, no qual não havia separação institucional entre igreja e estado, que só ocorre com a Proclamação da República, os esforços do padre Pedro Pereira de Mesquita, então pároco da igreja de São Pedro do Rio Grande, foram determinantes para a fundação da freguesia e para a criação da paróquia de São Francisco de Paula ainda no mesmo ano, assim como de seu sobrinho e também padre Felício Joaquim da Costa Pereira, que por diversas vezes foi ao Rio de Janeiro negociar com o bispo D. José Caetano da Silva Coutinho a criação da referida paróquia.

Pedro Mesquita, conhecido como o “padre doutor”, teve outro papel a ser destacado: o de incentivador da educação dos três sobrinhos, filhos do casal Felix da Costa Furtado de Mendonça e Ana Josefa Pereira, sua irmã. Felício Joaquim da Costa Pereira, como já referido, empenhou-se pela fundação da paróquia São Francisco de Paula, da qual foi o primeiro pároco.

Hipólito José fez parte de um pequeno grupo de pelotenses que frequentaram a Universidade de Coimbra (MORAIS, 1940, p. 197) e posteriormente, em Londres, torna-se editor do primeiro jornal brasileiro, o *Correio Brasiliense*, recebendo por este feito o título de patrono da imprensa brasileira (PARMAGNANI, 2002, p. 106-107).

José Saturnino da Costa Pereira², após ter estudado Ciências Matemáticas na Universidade de Coimbra (MORAIS, 1940, p. 215), regressou ao Brasil ocupando os

² Conforme Arthur Victoria Silva (2006), em seu *site* “História do Capão do Leão”, e PARMAGNANI (2002, p. 105), Hipólito nasceu na Colônia de Sacramento em 25 de março de 1774 e faleceu em 11 de setembro de 1823, em Londres. Felício é citado pelos mesmos autores como nascido em Buenos Aires em 4 de agosto de 1777 e falecido em Pelotas em 11 de outubro de 1818. Conforme Rizzini (1957), teria nascido em 1777 e falecido em 1819. Embora existam controvérsias quanto aos dados de José Saturnino,

cargos de Oficial de Engenharia, Professor da Escola Militar do Conselho do Imperador, Ministro da Guerra e Presidente de Província (de 1825 a 1828). Também, exerceu vários mandatos como Senador entre os anos de 1828 e 1852, além de ter diversos trabalhos publicados nas áreas de engenharia, matemática e militar. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (SENADO FEDERAL, 2011).

Como já referido anteriormente, ainda no século XIX passaram pela região diversos viajantes que registraram detalhes e impressões sobre a Pelotas da época. August Saint Hilaire, durante o período que esteve em São Francisco de Paula, em 1820, hospedou-se na casa de Antonio José Gonçalves Chaves, que em 1810 havia fundado a charqueada São João. Sobre Chaves, Saint Hilaire registrou em seu diário que era “um homem culto, que sabe latim, francês, com leitura de História Natural e conversa muito bem. Pertence à classe dos charqueadores, fabricantes de carne-seca” (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 111). Destaca também que “o Sr. Chaves, [...], que iniciou como simples caixeiro, possui, hoje, uma fortuna de seiscentos mil francos” (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 113-114).

O naturalista comenta suas impressões sobre as condições socioeconômicas da localidade e apresenta-se otimista quanto as suas potencialidades de desenvolvimento econômico e cultural, porém, não deixa de registrar o estranhamento que lhe provoca a maneira como os negros são tratados nas charqueadas, visto que nesta província, em geral, pareciam receber tratamento mais brando: “O Sr. Chaves é considerado um dos charqueadores mais humanos, no entanto ele e sua mulher só falam a seus escravos com extrema severidade, e estes parecem tremer diante dos seus patrões” (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 119).

Em 1822, Gonçalves Chaves publicou suas *Memórias ecônomo-políticas sobre a administração pública do Brasil*, nas quais resgata fatos e personagens fundamentais para a formação da identidade de rio-grandense. Nelas, ironicamente, pode-se encontrar, entre outras questões, a avaliação negativa do autor no que diz respeito ao regime

já que SILVA (2006, *online*) e PARMAGNANI (2002) afirmam que este teria nascido em 1778 em Rio Grande e falecido em 9 de setembro de 1852 em Rio de Janeiro, e a página do Senado Federal indica-o como nascido na Colônia do Sacramento, em 22 de novembro de 1771 e falecido na cidade do Rio de Janeiro em 9 de janeiro de 1852, e Morais (1940), a partir de sua matrícula na Universidade de Coimbra, indica seu nascimento no Rio Grande do Sul em 1773, o Livro de Casamentos n.3, folhas 124v., referido por Mecenas Dourado (1957) na biografia de Hipólito reforçam as informações, quanto ao nascimento, apresentadas por Parmagnani e Silva.

escravista. Chaves aborda também a corrupção da administração portuguesa e critica a política da coroa de doação de sesmarias.

A então freguesia de São Francisco de Paula foi elevada à categoria de vila em 7 de abril de 1832. Nas comemorações desse feito, destaca-se o nome de Antônio José Domingues, poeta e professor atuante nas primeiras décadas de Pelotas ao declamar poemas de elogio ao progresso e pela influencia que exerce na obra de poetas como Clarinda da Costa Siqueira (CÉSAR, 1956, p. 166), falecida em 1867, e com uma antologia póstuma publicada em 1881.

Três anos depois, o presidente da Província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga, outorgou à Vila os foros de cidade, com o nome de Pelotas³, sugestão dada pelo Deputado Francisco Xavier Pereira.

Antes de eclodir a Revolução Farroupilha, peças eram produzidas e apresentadas nos teatros locais, como o Teatro Sete de Abril, fundado em 1833, revelando o interesse por autores estrangeiros e sua influência sobre a produção local. Durante os dez anos da revolução, diversos poetas escrevem tomando partido por republicanos e imperiais, influenciando a literatura oral e escrita gaúcha, inclusive de Pelotas.

A IMPRENSA

Segundo Fernando Osório, o qual cita a *História da Imprensa no Rio Grande do Sul*, de Alfredo F. Rodrigues (1901),

Em 1849, o correspondente do *Diário do Rio Grande* felicitava os habitantes de Pelotas “por não terem querido até então sustentar em seu seio um periódico qualquer”, tal o exemplo, pouco animador, do jornalismo dissolvente da cidade vizinha (OSÓRIO, 1997, p. 362).

Fernando Luís Osório (1997, p. 128); Mário Osório Magalhães (1993, p. 244), Jaqueline Rosa da Cunha (2009, p. 40), Zénia de Leon (2011, *online*), Beatriz Ana Loner (2010, p.144), entre outros consideram que o início da imprensa pelotense ocorre em 1851, com a implantação da tipografia de Cândido Augusto de Mello e seu jornal *O*

³ O nome originou-se das embarcações de varas de corticeira forradas de couro, usadas para a travessia dos rios na época das charqueadas.

Pelotense. É nessa tipografia que Antonio José Domingues publica alguns livros de poemas, como *Coleção de poesias ao mui alto senhor D. Pedro II* (1852) e *Ao senhor d. Pedro V por exaltação ao trono de Portugal* (1856). Cândido Augusto de Mello lança, ainda na década de 1850, os jornais *O Grátis* (1854), *O Grátis de Pelotas* (1859) e *Diário de Pelotas* (1859).

Em 1854, na tipografia de L. J. de Campos, começa a ser publicado o jornal *O Noticiador*, que durou até 1868. É nessa tipografia, em 1856, que Carlos de Koseritz publica o livro *Resumo da história universal*, tido por Mário Osório Magalhães como provavelmente “o mais antigo livro editado em Pelotas” (1993, p. 253), desconsiderando os livros publicados por Antonio José Domingues, talvez pela dificuldade de se obter exemplares dessas obras.

Em 1855, é lançado o jornal *Brado do Sul*, editada por Domingos José de Almeida e Carlos de Koseritz. Em 1858, o pelotense Carlos Eugênio Fontana (1830-1896) publica o romance *O homem maldito*, considerado por Sheila Fernandez Garcia (2010) como o primeiro romance rio-grandino.

Vários jornais são lançados ao longo da década de 1860, tais como *Diário de Pelotas* (1860-1862, por Isidoro P. de Oliveira), *Álbum Pelotense* (1861, Joaquim Ferreira Nunes⁴), *Jornal de Pelotas* (1861, por Koseritz), *Mercantil* (1862), *O Comércio* (1862-1865, por Joaquim Ferreira Nunes), *O Mosaico* (1862-1863, por Francisco Policarpo dos Guimarães) e *A Estrela* (1863, Serafim José R. Araújo e João Manoel Marinho da Silva).

Na segunda metade dessa década, há outros, como *O Progresso Literário* (1865, Teodoro de Souza Garcia e J. J. César), *Onze de Junho* (1868-1889, por Antonio José da Silva Moncorvo Jr.), *Diário de Pelotas* (1868-1889, por Ernesto Augusto Gernsgross), *A Arcádia* (1869-1870, por Antonio Joaquim Dias) e *A Castália* (1869, por Lobo da Costa).

Esses jornais e esses autores, entre outros tantos, foram os que iniciaram a publicação de romances e/ou poesias de autores locais em imprensas pelotenses, possibilitando que Lobo da Costa, Paulo Marques e outros conseguissem projeção na capital gaúcha, inclusive no Partenon Literário.

⁴ Conforme Dalila Muller (2010, p. 124), “Joaquim Ferreira Nunes era natural de Portugal, casado, em 1853 tinha 31 anos, faleceu ‘pobre’ em 17.07.1886, com 64 anos [...]. Foi proprietário de uma tipografia, editando o *Almanak Pelotense* em 1862 e o jornal literário *Álbum Pelotense*, em 1861 e 62”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal, *Portal Senadores*. Biografia: José Saturnino da Costa Pereira. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=1980>. Acesso em: 2 set. 2011.

CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

COUTINHO, José Caetano da Silva. Diário de viagem “Pelotas 1815”. Porto Alegre, Correio do Povo, Caderno de sábado, 8 jul. 1972 apud MAGALHÃES, Mario Osório. *Pelotas: toda a prosa*. Primeiro volume (1809-1871). Pelotas: Armazém Literário, 2000, p. 18.

CUNHA, Jaqueline Rosa da. *A formação do sistema literário de Pelotas: uma contribuição para a literatura do Rio Grande do Sul*. 2009. 241f. Tese de doutorado - Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DOURADO, Mecenas. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1957.

FONTOURA, Antônio Vicente da, em carta à esposa datada de 1844. MAGALHÃES, Mario Osório. *Pelotas: toda a prosa*. Primeiro volume (1809-1871). Pelotas: Armazém Literário, 2000.

GARCIA, Sheila Fernández. *O homem maldito*, o início do romance Sul-Rio-Grandense. *Mafuá*, Florianópolis, ano 8, n. 13, mar. 2010.

GOLIN, Tau. *A Guerra Guaranítica*. 2. ed. Porto Alegre; Passo Fundo: EDUFRGS; EDIUPF, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org.) O Brasil Monárquico A época colonial: administração, economia e sociedade. Tomo I, v.2. 5.ed. São Paulo: DIFEL, 1982. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira)

_____. (Org.) A época colonial: administração, economia e sociedade. Tomo I, v.2. 5.ed. São Paulo: DIFEL, 1982. (Coleção História Geral da Civilização Brasileira)

LEÓN, Zênia de. *Pelotas: sua História e sua gente: para 1º e 2º graus*. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel, 1996.

_____. Discurso de abertura da 39ª Feira do Livro de Pelotas. 2011. In: *Viva o Charque*. Disponível em: <www.vivaucharque.com.br/interativo/artigo16.htm>. Acesso em: 28 out. 2011.

LONER, Beatriz Ana. Imprensa. In: LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osório (Orgs). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010, p. 144-148.

LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951 apud MAGALHÃES, Mario Osório. *Pelotas: toda a prosa*. Primeiro volume (1809-1871). Pelotas: Armazém Literário, 2000, p. 10.

MAGALHÃES, Mário Osório. *Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas: Ed. Universitária/ UFPel; Livraria Mundial, 1993.

_____. *História e Tradições da Cidade de Pelotas*. 4.ed. Pelotas: Armazém Literário, 2002.

MORAIS, Francisco. Estudantes Brasileiros na Universidade de Coimbra (1772-1872). *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. LXII (1940), p. 137-335.

MÜLLER, Dalila. *Feliz a população que tantas diversões e comodidade goza: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870)*. 2010. 338f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

OSÓRIO, Fernando Luis. *A cidade de Pelotas*, 3.ed. Pelotas: Armazém Literário, 1997. 2 v.

PARMAGNANI, Jacob José. *Padre Doutor Pedro Pereira Fernandes de Mesquita*. Porto Alegre: Gráfica La Salle Canoas, 2002.

RIZZINI, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976. (Biblioteca Histórica Brasileira)

SILVA, Arthur Victoria. *História do Capão do Leão. Genealogia do Padre Doutor*. 7 mar. 2006. Disponível em: <http://capadoleao.blogspot.com/2006_03_07_archive.html>. Acesso em: 22 set. 2010.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. (Série Revisão, 2)